Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.32927

# TRANSFORMAÇÕES COREOGRÁFICAS NAS QUADRILHAS JUNINAS ESTILIZADAS: MOVIMENTO, ESPAÇO, SINCRONIA E MUSICALIDADE

## CHOREOGRAPHIC TRANSFORMATIONS IN STYLIZED JUNE FESTIVAL QUADRILHAS: MOVEMENT, SPACE, SYNCHRONIZATION AND MUSICALITY

## TRANSFORMACIONES COREOGRÁFICAS EN LAS CUADRILLAS JUNINAS ESTILIZADAS: MOVIMIENTO, ESPACIO, SINCRONIZACIÓN Y MUSICALIDAD

**Kaio Almeida Alencar**[1]
**Herika Alexsandra Martins Arruda**[2]
**Karine Ribeiro da Silva**[3]
**Kesya Abreu dos Santos**[4]

RESUMO: As quadrilhas juninas integram a cultura popular brasileira e apresentam formas variadas de organização cênica e corporal. Este artigo tem como objetivo analisar, por meio de revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, as transformações coreográficas associadas às quadrilhas juninas estilizadas, com ênfase nos movimentos corporais, nas formações espaciais, na sincronização coletiva e na musicalidade. Foram examinadas contribuições acadêmicas sobre a passagem de repertórios tradicionais a configurações estilizadas, organizadas em quatro eixos temáticos. A literatura evidencia a ampliação de sequências planejadas, a articulação entre dança e narrativas cênicas e a valorização da harmonia do conjunto, especialmente em apresentações competitivas. O repertório musical também participa da composição coreográfica. Essas mudanças, contudo, não ocorrem de maneira uniforme entre grupos e regiões, podendo envolver continuidades, ressignificações e tensões com referências tradicionais. Conclui-se que a estilização constitui um processo cultural dinâmico, cujo estudo demanda atenção simultânea à criação artística, às experiências dos brincantes e aos contextos sociais das apresentações. A análise contempla, ainda, as funções coreográficas de destaques juninos, como marcador, rainhas e casais de personagens, considerando registros acadêmicos e regulamentos de festivais como fontes complementares.

**Palavras-chave:** Coreografia. Cultura popular. Quadrilhas juninas.

ABSTRACT: June festival quadrilhas are part of Brazilian popular culture and display diverse forms of choreographic and scenic organization. This article aims to analyze, through a qualitative literature review, choreographic transformations associated with stylized quadrilhas, focusing on body movement, spatial formations, collective synchronization, and musicality. Academic studies addressing the transition from traditional repertoires to stylized performances were examined and organized into four thematic dimensions. The literature points to an expansion of planned movement sequences, closer connections between dance and scenic storytelling, and greater emphasis on group coordination, particularly in competitive performances. Musical repertoire also contributes to choreographic

[1] Graduado em Educação Física, pós-graduado em Arte e Educação. Orientador. Professor. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNPLAN), campus Gurupi.
[2] Graduanda em Educação Física (Bacharelado). Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNPLAN), campus Gurupi.
[3] Graduanda em Educação Física (Bacharelado). Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNPLAN), campus Gurupi.
[4] Graduanda em Educação Física (Bacharelado). Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNPLAN), campus Gurupi.

composition. However, these changes do not occur uniformly across groups and regions and may involve continuity, reinterpretation, and tensions with traditional references. The study concludes that stylization is a dynamic cultural process that should be understood in relation to artistic creation, performers' experiences, and the social contexts in which these dances are presented. The review also discusses the choreographic roles of selected festival performers, including the caller, queens, and featured couples, drawing on academic studies and festival regulations.

**Keywords:** Choreography. Popular Culture. Quadrilhas Juninas.

RESUMEN: Las cuadrillas juninas forman parte de la cultura popular brasileña y presentan diversas formas de organización coreográfica y escénica. Este artículo tiene como objetivo analizar, mediante una revisión bibliográfica de enfoque cualitativo, las transformaciones coreográficas asociadas a las cuadrillas juninas estilizadas, con énfasis en los movimientos corporales, las formaciones espaciales, la sincronización colectiva y la musicalidad. Se examinaron estudios académicos sobre la relación entre los repertorios tradicionales y las presentaciones estilizadas, organizados en cuatro ejes temáticos. La literatura señala una ampliación de las secuencias de movimiento planificadas, una mayor articulación entre danza y narración escénica y un énfasis en la coordinación del grupo, especialmente en las presentaciones competitivas. El repertorio musical también participa en la composición coreográfica. Sin embargo, estos cambios no ocurren de manera uniforme entre grupos y regiones y pueden implicar continuidades, reinterpretaciones y tensiones con referentes tradicionales. Se concluye que la estilización constituye un proceso cultural dinámico que debe comprenderse considerando la creación artística, las experiencias de los participantes y los contextos sociales de las presentaciones. La revisión también examina las funciones coreográficas de figuras destacadas, como el marcador, las reinas y las parejas de personajes, a partir de estudios académicos y reglamentos de festivales.

**Palabras clave:** Coreografía. Cultura popular. Cuadrillas juninas.



## 1 INTRODUÇÃO

A quadrilha junina constitui uma das manifestações mais representativas da cultura popular brasileira. De origem europeia, a quadrilha difundiu-se no Brasil durante o século XIX, inicialmente em ambientes das elites, e incorporou elementos locais ao se popularizar, consolidando-se como expressão cultural das festas juninas (GASPAR, 2003). Em sua forma tradicional, a quadrilha é marcada por movimentos, formações organizadas em pares, comandos orais e uma relação lúdica e comunitária entre os participantes. Esses elementos, entretanto, apresentam variações conforme as regiões e os contextos em que a manifestação ocorre.

Nas últimas décadas, observa-se o crescimento das quadrilhas juninas estilizadas, modalidade que se desenvolveu especialmente em apresentações públicas e competições. Essa forma mantém referências da quadrilha tradicional, mas introduz modificações deliberadas na coreografia, nos figurinos, na trilha sonora e na encenação. Como aponta Melo (2006), a estilização pode ser percebida no movimento corporal, na organização espacial e na relação com o ritmo. A coreografia deixa de se limitar a uma sequência de passos conhecidos e passa a constituir uma composição planejada, na qual os elementos são articulados intencionalmente.

Apesar de sua relevância cultural e social, parte dos estudos sobre quadrilhas estilizadas concentra-se nos aspectos visuais, como figurinos, cenários e encenação, deixando em segundo plano a dimensão propriamente coreográfica. Diante desse cenário, surge a seguinte questão de pesquisa: como a produção científica analisa as transformações da dança e das coreografias nas quadrilhas juninas estilizadas? Com base nisso, este trabalho tem como objetivo compreender as mudanças coreográficas identificadas na literatura e refletir sobre seus significados no contexto cultural brasileiro contemporâneo.

## 2 MÉTODOS

O artigo foi organizado como revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa e caráter analítico-descritivo. A análise concentra-se em publicações acadêmicas que discutem quadrilhas juninas tradicionais, estilizadas e contemporâneas, com atenção especial às relações entre composição coreográfica, performance, musicalidade e experiências dos brincantes. Não se trata de revisão sistemática nem de pesquisa de campo.

O corpus de estudos sobre a manifestação junina utilizado nesta versão reúne trabalhos de Melo (2006), Azevedo (2007), Silva e Lucena Filho (2013), Di Deus (2015), Sousa (2017), Zaratim (2020) e Meira (2023). Para a contextualização histórica, utiliza-se também Gaspar (2003). A organização temática dos materiais toma como referência a discussão metodológica de Bardin (2011). Os trabalhos apresentam recortes distintos: alguns discutem a estilização e a performance; outros enfocam figurinos, história local, aprendizagem corporal ou relações sociais no universo junino.



Para aprofundar a análise dos destaques juninos, foram incorporados os trabalhos de Lemos (2019), Silva e Silva (2023) e Melo (2024), além de documentos institucionais de festivais de Belo Horizonte, Palmas, Araguaína e Tucumã. Essas fontes são utilizadas como materiais complementares sobre as funções dos personagens e os critérios de avaliação, e não como registros de observações diretas realizadas pelas autoras.

A leitura comparativa foi organizada em quatro eixos: transformações nos movimentos corporais, reorganização das formações espaciais, sincronização coletiva e relações entre musicalidade e composição coreográfica. Em cada eixo, são diferenciadas as observações efetivamente descritas pelos pesquisadores e as interpretações construídas nesta revisão. A categorização é utilizada como recurso de organização e interpretação, sem pressupor que todas as fontes tenham investigado as quatro dimensões (BARDIN, 2011).

A participação dos destaques juninos foi examinada como eixo transversal, considerando funções cênicas, possibilidades de movimentação e critérios de avaliação documentados nas fontes complementares.

Por recorrer a estudos e documentos públicos, o artigo não envolve contato com participantes nem produção de dados primários. Desse modo, suas conclusões se restringem ao alcance da literatura examinada e não autorizam generalizações para todas as quadrilhas juninas brasileiras.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura consultada indica que a estilização envolve reorganizações artísticas e sociais. As quatro categorias apresentadas a seguir constituem eixos bibliográficos; não devem ser compreendidas como etapas obrigatórias ou características universais de todos os grupos. As pesquisas de Melo (2006), Sousa (2017) e Zaratim (2020) oferecem contribuições particularmente próximas ao objeto coreográfico, enquanto os demais estudos ampliam a interpretação histórica, visual e sociocultural.

### 3.1 Transformações nos movimentos corporais



Entre os repertórios associados à quadrilha tradicional, destacam-se figuras coletivas e passos marcados, como a grande roda, o túnel, o balanceio e os cumprimentos entre pares (GASPAR, 2003; SOUSA, 2017). Esses elementos, porém, não devem ser entendidos como um conjunto fixo e idêntico em todas as localidades, pois as formas de execução variam conforme os contextos históricos e as práticas dos grupos.

Nas apresentações estilizadas investigadas por Sousa (2017), a montagem passa a assumir maior centralidade, com sequências ensaiadas em relação ao ritmo e à temática. Melo (2006) observa transformações na performance junina, incluindo coreografia, indumentária e música. A mudança, portanto, não corresponde apenas à adição de movimentos mais difíceis, mas à elaboração de uma composição corporal planejada e vinculada à apresentação coletiva.

Zaratim (2020), ao examinar experiências de quadrilheiros e processos de espetacularização, permite relacionar o aperfeiçoamento de gestos, posturas e expressões corporais à organização dos ensaios e à construção da performance. Di Deus (2015), por sua vez, destaca a aprendizagem das técnicas do corpo no interior dos grupos. Em conjunto, esses estudos

ajudam a compreender a coreografia também como prática de formação, convivência e transmissão de conhecimentos corporais, e não somente como produto apresentado ao público.

### 3.2 Reorganização das formações espaciais

A organização espacial constitui elemento expressivo da quadrilha, presente tanto na formação de pares quanto nos desenhos coletivos executados durante a dança. Figuras tradicionais como rodas, túneis e deslocamentos conjuntos já revelam uma estrutura espacial própria. Por isso, não seria adequado afirmar que a quadrilha tradicional apresenta um espaço necessariamente simples ou estático (GASPAR, 2003; SOUSA, 2017).

Na estilização, as formações podem ser rearranjadas conforme a temática, o repertório musical e os efeitos pretendidos na apresentação. Sousa (2017) descreve a importância de coreografias ensaiadas na passagem a formatos estilizados, enquanto Zaratim (2020) analisa a construção de cenas que articulam movimentos, expressões e outros elementos do espetáculo. Nessa perspectiva, o espaço não serve apenas para distribuir os dançarinos, mas participa da linguagem visual e dramatúrgica da apresentação.

Essa interpretação não implica que toda quadrilha estilizada utilize as mesmas formações ou que exista uma progressão única de complexidade espacial. A análise de vídeos ou registros coreográficos seria necessária para descrever com precisão diagonais, simetrias, trajetórias e alterações de nível em grupos específicos.



### 3.3 Sincronização: da coordenação coletiva à precisão temporal

A sincronização integra a organização das danças coletivas, mas pode adquirir sentidos distintos conforme a finalidade da apresentação. É inadequado supor que as quadrilhas tradicionais prescindam de ensaios ou de coordenação entre os pares. Em formatos competitivos, entretanto, a execução simultânea e a harmonia do conjunto podem receber atenção especial nos processos de preparação e avaliação.

Ao examinar regulamentos e experiências das quadrilhas contemporâneas, Zaratim (2020) apresenta critérios de avaliação relacionados à harmonia, ao sincronismo, à coletividade e à execução simultânea dos movimentos. Esse material oferece base mais direta para discutir a sincronização do que afirmações genéricas sobre uma suposta ausência de precisão nas danças tradicionais. Trata-se de uma transformação das exigências de apresentação em determinados circuitos, e não de uma regra universal.

### 3.4 Musicalidade: do acompanhamento à estruturação coreográfica

A música sempre integrou a quadrilha junina, seja como acompanhamento rítmico, seja como elemento associado à marcação e às figuras dançadas. Nas apresentações estilizadas, sua relação com a coreografia pode tornar-se mais diretamente planejada, de acordo com as escolhas do grupo e a temática. Essa diferença não significa que os repertórios tradicionais sejam desprovidos de organização musical (GASPAR, 2003).

Sousa (2017) registra transformações nos repertórios musicais e descreve coreografias estruturadas em relação ao ritmo e ao tema das apresentações. Melo (2006) também identifica mudanças nas músicas que acompanham a dança estilizada. Esses estudos sustentam a interpretação de que a seleção musical pode integrar a criação de sequências e a composição de cenas, sem permitir afirmar que todas as quadrilhas utilizem um mesmo procedimento de montagem.

A articulação entre música, figurino, atuação e coreografia constitui parte da espetacularização discutida por Zaratim (2020). Silva e Lucena Filho (2013), embora concentrem sua investigação nos figurinos, contribuem para mostrar que os elementos visuais comunicam significados culturais e dialogam com a proposta estética da apresentação. Assim, a musicalidade deve ser interpretada em relação ao conjunto do espetáculo, sem perder de vista a especificidade dos movimentos corporais.



### 3.5 Tradição e inovação

As pesquisas examinadas não autorizam uma oposição rígida segundo a qual o tradicional seria sempre espontâneo e o estilizado, necessariamente técnico. Melo (2006) registra tensões e resistências diante da transformação da quadrilha; Azevedo (2007) discute as mudanças da cultura junina e suas representações; Sousa (2017) documenta adaptações e retornos a elementos tradicionais em diferentes momentos da história de um grupo. Há, portanto, aproximações, disputas e reelaborações, e não uma trajetória única.

A dimensão sociocultural também é relevante. Di Deus (2015) analisa a aprendizagem corporal e a sociabilidade de jovens quadrilheiros, enquanto Meira (2023) demonstra que as transformações das quadrilhas estilizadas podem envolver a representação de identidades e a reorganização de papéis nas apresentações. Esses estudos ampliam a reflexão sobre a criação coreográfica ao situá-la nas relações sociais e nos sentidos atribuídos pelos participantes.

Em síntese, as quatro categorias contribuem para interpretar formas de organização da dança, mas não substituem a observação de coreografias concretas. Para afirmar quais movimentos ou formações mudaram em determinada agremiação, seriam necessários registros audiovisuais, critérios comparativos e, preferencialmente, relatos de coreógrafos e brincantes.

### 3.6 Destaques juninos e suas funções coreográficas nas quadrilhas estilizadas

Nas quadrilhas juninas estilizadas, os chamados destaques são integrantes que assumem funções de maior visibilidade na condução, na representação de personagens e na interpretação das coreografias. Sua participação pode ocorrer tanto nos números coletivos quanto em momentos específicos da apresentação. Lemos (2019), em estudo fotoetnográfico sobre o festival de João Pessoa, registra o protagonismo de rainhas, noivos, reis e personagens do cangaço em diferentes cenas coreográficas. Melo (2024) também examina processos de escolha e atuação dos destaques em uma agremiação paraibana. Meneses (2016), ao estudar quadrilhas no Tocantins, identifica personagens como o marcador, a rainha, o casal de noivos e figuras inspiradas no cangaço na reelaboração das apresentações. As categorias e suas exigências, entretanto, não são uniformes: variam de acordo com a região, o regulamento do festival e a proposta artística de cada grupo.



#### 3.6.1 Marcador ou puxador

O marcador, também denominado puxador em determinados contextos do movimento junino, exerce a função de orientar a execução coletiva da quadrilha. Sua atuação reúne comando vocal, ritmo, comunicação gestual, presença cênica e integração com os participantes e o público. O regulamento do Arraial de Belo Horizonte define o marcador como responsável pela organização oral da marcação, podendo também dançar e interagir com o elenco (BELO HORIZONTE, 2025). No contexto das apresentações estilizadas, esse papel pode articular a entrada das formações, a passagem entre sequências e a continuidade da narrativa, sem se confundir necessariamente com a autoria de todas as coreografias.

Sob a perspectiva corporal, o marcador não se limita a anunciar passos: sua movimentação, seu posicionamento na arena, os gestos de indicação e o ajuste da fala à musicalidade integram a composição cênica. Silva e Silva (2023) identificam o marcador como o integrante que detém a voz de comando e participa da narração do espetáculo. A relação entre

liderança, comunicação e precisão na condução dos movimentos encontra respaldo em critérios de julgamento de festivais, como os mencionados no regulamento de Tucumã (2025).

### 3.6.2 Rainha junina

A rainha junina constitui um destaque de expressividade corporal e representação estética da agremiação. Nas apresentações estilizadas, pode integrar a dança coletiva e ocupar um momento próprio, com coreografia planejada para dialogar com a música e o enredo. A Prefeitura de Palmas (2021) identifica desenvoltura na dança, figurino, coreografia e repertório musical como critérios de avaliação das categorias. Lemos (2019) registra apresentações em que a rainha é colocada em evidência na abertura do espetáculo, demonstrando que seu protagonismo pode ser construído por escolhas de organização cênica.

Em termos de composição, giros, deslocamentos, gestualidade dos braços, mudanças de direção e relação com os demais dançarinos são recursos possíveis, não passos obrigatórios ou universais. A importância coreográfica da rainha reside na articulação entre expressividade, musicalidade, ocupação espacial e identidade visual do tema, podendo ser observada pela coerência do solo ou do destaque dentro da apresentação coletiva.



### 3.6.3 Rainha mirim

A rainha mirim representa a participação infantil no universo dos destaques juninos. A realização de concursos específicos no Tocantins é documentada pela Prefeitura de Araguaína (2015), que, naquele regulamento, previa candidatas de até 12 anos e avaliava desenvoltura na dança, simpatia, figurino e elegância. Em edição posterior, a escolha da rainha mirim ocorreu por meio de apresentações coreográficas julgadas por uma comissão (ARAGUAÍNA, 2019). Esses registros demonstram que a categoria possui dimensão coreográfica própria, embora seus limites de idade e critérios variem conforme a edição.

Na quadrilha estilizada, a participação da rainha mirim pode combinar sequências individuais e integração com o elenco, valorizando ritmo, orientação espacial, expressão lúdica e movimentos compatíveis com a faixa etária. A exigência artística deve respeitar as condições de desenvolvimento e o caráter formativo da participação infantil; não se pode presumir que a coreografia mirim reproduza o grau de dificuldade ou o padrão expressivo das apresentações adultas.

### 3.6.4 Rainha da diversidade

A rainha da diversidade expressa a ampliação das possibilidades de representação de gênero no movimento junino. Em sua pesquisa sobre o concurso de João Pessoa, Lemos (2019) documenta a presença da personagem, sua projeção cênica e o fato de que, naquele contexto, sua participação não era obrigatória em todas as quadrilhas. Melo (2024), em estudo etnográfico realizado na Paraíba, discute experiências de dissidências de gênero e sexualidade e registra que a escolha dos destaques se relaciona à desenvoltura dos participantes, ao processo de criação coreográfica e às decisões internas das agremiações.

Do ponto de vista coreográfico, a rainha da diversidade pode desenvolver uma apresentação individual ou ocupar momentos de protagonismo no conjunto, com trabalho de expressão corporal, musicalidade, presença cênica e relação com o tema. A Prefeitura de Araguaína (2019) documenta a escolha conjunta da rainha mirim e da rainha da diversidade por meio de disputas coreográficas. A categoria não deve ser reduzida a um repertório fixo de gestos nem a uma única identidade de gênero: suas formas de participação devem ser examinadas segundo as experiências concretas e os regulamentos de cada evento.

### 3.6.5 Casal de noivos



O casal de noivos atua na construção dramática do casamento junino e pode organizar um dos momentos centrais do espetáculo estilizado. Lemos (2019) descreve apresentações nas quais a cerimônia envolvendo noivos, celebrante e marcador estrutura a narrativa e se articula às coreografias do grupo. Em festivais, sua atuação também é avaliada como dança: no Arraiá da Capital, em Palmas, os quesitos incluíram desenvoltura, coreografia e harmonia do casal (PALMAS, 2021).

A composição coreográfica desse destaque pode explorar deslocamentos em dupla, movimentos espelhados, giros compartilhados, aproximações e afastamentos e ações cênicas relacionadas ao enredo. Essas escolhas precisam expressar o vínculo entre os personagens e dialogar com as formações do conjunto. O regulamento de Tucumã (2025) associa a avaliação dos noivos à sintonia, aos gestos de interação e à conexão com a narrativa, reforçando que a interpretação não se limita ao figurino ou à encenação verbal.

### 3.6.6 Casal de reis

O casal de reis, frequentemente apresentado como rei e rainha e, em algumas tradições locais, relacionado à simbologia do milho, é um destaque de representação festiva que pode exercer função coreográfica específica. Silva e Silva (2023) citam o casal de reis do milho entre os personagens destacados das quadrilhas do Rio Grande do Norte. No Tocantins, o Arraiá da Capital reconhece o casal de reis como categoria avaliada em desenvoltura, figurino, coreografia e harmonia do casal (PALMAS, 2021).

No desenvolvimento coreográfico, a dupla pode ganhar destaque em entradas, sequências a dois, deslocamentos sincronizados, mudanças de formação e interações com o elenco, conforme o enredo adotado. Não há, nas fontes consultadas, um conjunto único de passos que defina todos os casais de reis das quadrilhas estilizadas. A análise deve considerar sobretudo a coordenação entre os parceiros, a musicalidade e a coerência do protagonismo com o conjunto cênico.

### 3.6.7 Casal do cangaço

O casal do cangaço incorpora ao espetáculo personagens e referências estéticas associadas ao imaginário do cangaço nordestino, frequentemente representadas por figuras inspiradas em Lampião e Maria Bonita. Meneses (2016) registra essas figuras na reelaboração das quadrilhas tocantinenses. Sua presença depende da proposta de cada agremiação, não sendo um elemento obrigatório em toda quadrilha. Na pesquisa fotoetnográfica de Lemos (2019), há registro de cangaceiros executando passos de xaxado e participando de formações coletivas; a documentação oferece um exemplo concreto de articulação entre repertório corporal e representações temáticas.



Nas quadrilhas estilizadas, a composição desse destaque pode trabalhar marcações rítmicas inspiradas no xaxado, mudanças de direção, deslocamentos em dupla, ações de enfrentamento dramatizado e interação com outros personagens. Esses elementos são possibilidades de criação, e não uma descrição universal das coreografias de cangaço.

### 3.6.8 Integração dos destaques à coreografia coletiva

A análise dos destaques evidencia que, nas quadrilhas estilizadas, o protagonismo individual ou em dupla não deve ser compreendido isoladamente da coreografia coletiva. Rainhas, noivos, reis, personagens do cangaço e marcador podem colaborar para a progressão

do tema, o desenho espacial, a musicalidade e as transições entre os momentos do espetáculo. A integração exige que as ações dos destaques dialoguem com o deslocamento do conjunto, evitando que os momentos individuais interrompam a continuidade da apresentação.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo responder à seguinte pergunta de pesquisa: como a produção científica analisa as transformações da dança e das coreografias nas quadrilhas juninas estilizadas?

Os resultados indicam que a literatura acadêmica identifica transformações nas dimensões coreográficas analisadas. Os movimentos podem tornar-se mais elaborados e expressivos; as formações espaciais podem ganhar dinamismo; a sincronização coletiva pode exigir maior precisão temporal; e a musicalidade pode participar diretamente da estruturação da composição coreográfica. Essas tendências, contudo, não são universais nem representam uma ruptura absoluta com a tradição. Os referenciais culturais permanecem reconhecíveis, mas podem ser reelaborados por meio de novos recursos coreográficos.

Como limitação deste estudo, destaca-se o fato de se basear exclusivamente em fontes bibliográficas e documentos públicos, sem incluir observação direta ou relatos dos próprios dançarinos. Pesquisas futuras poderão adotar abordagens etnográficas para compreender como essas transformações são vivenciadas na prática. Além disso, investigações sobre o impacto das competições na padronização coreográfica poderão aprofundar a compreensão sobre os rumos dessa manifestação cultural.



Reconhecer essas transformações é fundamental para que tanto a quadrilha tradicional quanto a estilizada sejam valorizadas em suas respectivas dimensões: a primeira como espaço de convívio e transmissão de tradições; a segunda como manifestação coreográfica que amplia as possibilidades expressivas da dança popular, mantendo viva sua essência cultural sob novas formas.

A análise complementar indica que os destaques juninos também participam da organização da linguagem coreográfica. O marcador orienta os movimentos coletivos, enquanto rainhas e casais podem desenvolver sequências próprias e articulações com o enredo. Suas funções, entretanto, dependem dos contextos regionais, dos regulamentos e das escolhas artísticas de cada agremiação.

## REFERÊNCIAS

ARAGUAÍNA (TO). Prefeitura Municipal. Araguaína sedia Concurso Junino de Rainha Mirim 2015. Araguaína, 24 abr. 2015. Disponível em: https://www.araguaina.to.gov.br/noticias/2015/aragua-ina-sedia-concurso-junino-de-rainha-mirim-2015. Acesso em: 11 nov. 2026.

ARAGUAÍNA (TO). Prefeitura Municipal. Junina Encanto do Luar vence o concurso de Rainha Mirim do São João do Cerrado de Araguaína. Araguaína, 13 maio 2019. Disponível em: https://araguaina.to.gov.br/noticias/2019/junina-encanto-do-luar-vence-o-concurso-de-rainha-mirim-do-s-ao-jo-ao-do-cerrado-de-aragua-ina. Acesso em: 11 nov. 2026.

AZEVEDO, Ana Lúcia Dias Câmara de. Estilizando o ma(tu)to: a cultura junina vista a partir das quadrilhas estilizadas. 2007. 60 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/35180. Acesso em: 11 nov. 2026.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELO HORIZONTE (MG). Prefeitura Municipal; BELOTUR. Regulamento do Concurso Municipal de Quadrilhas Juninas do Arraial de Belô 2025. Belo Horizonte, 2025. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/belotur/2025/regulamento-quadrilhas-publicacao-dom.pdf. Acesso em: 11 nov. 2026.

DI DEUS, Eduardo. Quadrilhas juninas como um movimento de juventude em Rio Branco, Acre. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 17, n. 1, 2015. DOI: https://doi.org/10.5216/sec.v17i1.36878. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/36878. Acesso em: 11 nov. 2026.



GASPAR, Lúcia. Quadrilha junina. In: PESQUISA ESCOLAR. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2003. Atualizado em: 3 maio 2021. Disponível em: https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/quadrilha-junina/. Acesso em: 11 nov. 2026.

LEMOS, Felipe Roque de Sousa. O palco na praça: relato fotoetnográfico do Festival de Quadrilhas Juninas de João Pessoa. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17436. Acesso em: 11 nov. 2026.

MEIRA, Vanessa Belmiro dos Santos. Transformando o São João: montação e passabilidade de gênero na quadrilha junina. 2023. 268 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2023. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/33613. Acesso em: 11 nov. 2026.

MELO, Gabriel Lucas Ferreira de. Dançando com a diversidade: um estudo etnográfico sobre dissidências de gênero e sexualidades na quadrilha junina Encanto Matuto de Itapororoca – PB. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/35656. Acesso em: 11 nov. 2026.

MELO, Jane Emirce de. Quadrilha estilizada, hibridização, resistência, ou uma invenção da tradição? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. Anais [...]. Brasília: Intercom, 2006. Disponível em: https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1453-3.pdf. Acesso em: 11 nov. 2026.

MENESES, Veronica Dantas. Reelaboração e invenção nas quadrilhas juninas no Tocantins. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 13, n. 30, p. 116–134, 2016. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18981. Acesso em: 11 nov. 2026.

PALMAS (TO). Prefeitura Municipal. 29º Arraiá da Capital: representantes das juninas da Capital serão julgados por diversos quesitos durante as apresentações. Palmas, 9 nov. 2021. Disponível em: https://www.palmas.to.gov.br/core/noticias/290-arraia-da-capital-representantes-das-juninas-da-capital-serao-julgados-por-diversos-quesitos-durante-as-apresentacoes/. Acesso em: 11 nov. 2026.

SILVA, André Felipe de Oliveira; SILVA, Michel Jairo Vieira da. As quadrilhas juninas do Rio Grande do Norte, o processo de profissionalização da cultura e a superação da pandemia de COVID-19. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CCSA, 25., 2023, Natal. Anais [...]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2023. Disponível em: https://seminario2023.ccsa.ufrn.br/articles/AS%20QUADRILHAS%20JUNINAS%20DO%20RIO%20GRANDE%20DO%20NORTE%2C%20O%20PROCESSO%20DE%20PROFISSIONALIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20CULTURA%20E%20A%20SUPERA%C3%87%C3%83O%20DA%20PANDEMIA %20DE%20COVID-19.pdf. Acesso em: 11 nov. 2026.



SILVA, Maria Luciana Bezerra da; LUCENA FILHO, Severino Alves de. A festa junina de roupa nova: uma análise dos figurinos das quadrilhas estilizadas sob o olhar da folkcomunicação. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 11, n. 23, p. 30–43, 2013. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18890. Acesso em: 11 nov. 2026.

SOUSA, Hélder Dantas de. A quadrilha Maria Chiquinha e as transformações nas quadrilhas juninas na cidade de Cachoeira dos Índios – PB: da cultura tradicional ao estilizado. 2017. 72 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2017. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/30395. Acesso em: 11 nov. 2026.

TUCUMÃ (PA). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Desporto, Lazer e Cultura. Regulamento do Festival Intermunicipal de Quadrilhas Juninas: 4ª edição do Arraiá Sol Raiá Tucumã – 2025. Tucumã, 2025. Disponível em: https://prefeituradetucuma.pa.gov.br/wp-content/uploads/2025/04/REGULAMENTO-DO-4a-EDICAO-DO-ARRAIA-SOL-RAIA-TUCUMA-PA-2025.pdf. Acesso em: 11 nov. 2026.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. A performatividade das quadrilhas juninas: reminiscências da tradição e a espetacularização da dança. 2020. 279 f. Tese (Doutorado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10669. Acesso em: 11 nov. 2026.